



FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM SAÚDE: COMENTÁRIOS INICIAIS¹

Mathias Roberto Loch²

RESUMO: Com a criação, pela Constituinte de 1988, do Sistema Único de Saúde (SUS), o Brasil passou a ter um Sistema Universal de Saúde, ou seja, todas as pessoas, independentemente de qualquer característica, devem ter acesso. Segundo a Constituição Federal, “compete ao SUS ordenar a formação de recursos humanos para área da saúde”. Em outras palavras: as necessidades de saúde da população brasileira devem ser levadas em consideração nos cursos de formação inicial e de educação permanente. Neste sentido, a formação profissional em saúde deveria estar muito vinculada ao SUS, especialmente aos seus princípios e suas necessidades. Porém, o que se observa é que a maioria dos cursos da saúde ainda apresenta uma tímida aproximação com o SUS e seu ideário. Considerando que o SUS preconiza uma mudança de modelo assistencial, aonde aspectos como a centralidade na doença e no modelo biomédico e superespecializado cedem espaço para a integralidade, o cuidado humanizado e a promoção da saúde, também a formação profissional em saúde deve (ou deveria) acompanhar esta mudança. Evidentemente esta mudança é complexa e exige inclusive que modificações importantes na organização universitária sejam realizadas. Por exemplo: a maior parte das Universidades se organiza em Departamentos e cursos isolados e a formação acaba sendo mais voltada para a “superespecialização” em uma determinada área da saúde do que propriamente em uma formação adequada para o atendimento ao princípio da integralidade. Além disso, a maior parte dos currículos ainda faz uma grande divisão entre as partes “teóricas” (especialmente nas primeiras fases dos cursos) e as “práticas” (nas últimas fases do curso), o que leva, muitas vezes, à um grande distanciamento entre teoria e prática. Muitos outros aspectos poderiam ser elencados, porém, há de se destacar que nos últimos anos diversas ações foram implantadas e acabaram por exigir uma reflexão dos cursos de formação da área da saúde. O Núcleo de Apoio à Saúde da Família, por exemplo, faz com que novas profissões fossem incorporadas no contexto do SUS. E o trabalho neste, deve enfatizar a interdisciplinaridade. Ou seja: uma demanda importante que precisa de profissionais qualificados para a atuação. Profissionais estes que nem sempre as Universidades tem conseguido formar. Sobre as mudanças no modelo de atenção, vale mencionar que esta mudança não está pronta e acabada. Na verdade, é uma mudança permanente. Hoje ainda temos

¹Palestra proferida no I Congresso Norte Catarinense Multidisciplinar em Promoção à Saúde: Universidade e a promoção à saúde no Desenvolvimento Regional.

²Doutor em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Londrina. Professor Adjunto da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: mathias@uel.br

hegemonicamente um modelo biomédico. Porém, há de se considerar que estas modificações não acontecem de um dia para o outro. Neste sentido, aproximar a formação profissional do SUS se faz importante, inclusive porque acredito que o SUS pode representar um excelente ponto de partida para melhoria da formação e atuação profissional, mesmo para aqueles que não atuarem diretamente no Sistema, pois possivelmente serão profissionais com uma melhor formação humana e mais bem preparados para o trabalho interdisciplinar, características estas que não são apenas uma necessidade do setor público, mas também do privado.

Palavras-chave: Saúde pública. Recursos humanos. Formação profissional.